

«O QUE FICA?
É A LÍNGUA MATERNA QUE FICA»
Entrevista com Günter Gaus

A seguinte entrevista de Hannah Arendt com Günter Gaus, ao tempo jornalista muito conhecido e mais tarde alto funcionário durante o Governo de Willy Brandt, foi difundida, a 28 de Outubro de 1964, pela televisão da Alemanha Ocidental. A entrevista recebeu o Prémio Adolf Grimme e foi publicada no ano seguinte com o título «Was bleibt? Es bleibt die Muttersprache», no livro de Günter Gaus, Zur Person (Munique, 1965).*

Gaus começa a entrevista dizendo que Hannah Arendt é a primeira mulher a participar na série que o próprio Gaus realiza, para acrescentar logo a seguir que, na realidade, Hannah Arendt exerce uma «profissão muito masculina», uma vez que é filósofa. O que o leva a formular uma primeira pergunta: a despeito do reconhecimento e da consideração de que goza, não achará que «o seu lugar no círculo dos filósofos» é insólito ou fora do comum pelo facto de ser uma mulher? Hannah Arendt responde:

* Esta entrevista é aqui traduzida a partir da sua tradução inglesa por Joan Staumbaugh. (N. T.)

— Receio ter de começar por protestar: não faço parte do círculo dos filósofos. A minha profissão, se assim se lhe pode chamar, é a teoria política. Não me sinto minimamente filósofa e também não creio que tenha sido adoptada pelo círculo dos filósofos, ao contrário do que as suas palavras amavelmente sugerem. Mas vejamos antes uma outra questão levantada pela sua nota prévia: Você diz que a filosofia é, de um modo geral, uma profissão masculina. Sem dúvida, mas isso não significa que um tal estado de facto subsista, um dia poderá perfeitamente existir uma mulher que seja filósofa...

Gaus: Mas eu considero-a uma filósofa...

Hannah Arendt: O problema é seu, mas eu, pelo meu lado, não me considero filósofa. Há já muito tempo que disse definitivamente adeus à filosofia. Como sabe, estudei filosofia, mas isso não quer dizer que tenha continuado a ser filósofa.

Gaus: Estou contente com o caminho que tomámos, mas gostaria apesar de tudo que precisasse onde se situa para si a diferença entre a filosofia política e o seu trabalho de professora de teoria política.

Hannah Arendt: A expressão «filosofia política», que eu procuro evitar, tem uma carga que a tradição tornou muito pesada. Sempre que falo destas questões, na universidade ou fora dela, insisto sempre na forte tensão existente entre a filosofia e a política. Quer dizer, entre o homem como ser que pensa e o homem como ser que age existe uma tensão que não existe, por exemplo, na filosofia da natureza. Como qualquer outra pessoa, o filósofo pode ser objectivo perante a natureza, e quando diz o que pensa dela, fala em nome de toda a humanidade. Mas o filósofo não pode ser objectivo nem neutro no que se refere à política. Desde Platão, pelo menos!

Gaus: Compreendo o que quer dizer.

Hannah Arendt: Há uma espécie de hostilidade à política na maior parte dos filósofos, e são muito poucas as excepções. Kant é uma excepção. Esta hostilidade é muito importante

quando abordamos estes problemas, porque está muito longe de ser uma questão pessoal. Reside na própria natureza do que aqui está em jogo.

Gaus: E você não quer compartilhar de maneira nenhuma essa hostilidade porque isso interferiria com o seu trabalho?

Hannah Arendt: Não quero compartilhar essa hostilidade, é precisamente isso! Quero olhar para a política, se assim se pode dizer, com os olhos limpos de filosofia.

Gaus: Compreendo. Mas agora vamos falar do problema da emancipação das mulheres. Foi um problema que se lhe pôs, a si?

Hannah Arendt: Claro que sim; é um problema que se põe sempre. E agora vou-lhe parecer muito antiquada. Sempre pensei que há certas ocupações que não convêm às mulheres, que não condizem com elas, por assim dizer. Não fica bem a uma mulher dar ordens. E ela não deve pôr-se em situação de ter de o fazer, se quiser continuar a ser feminina. Se tenho ou não razão acerca deste ponto, isso não sei. Por mim, sempre vivi segundo esse critério, mais ou menos inconscientemente, ou, melhor, mais ou menos conscientemente. Pessoalmente, para mim, não se tratou de um problema. Para dizer as coisas com simplicidade, sempre fiz aquilo que gostava de fazer.

Gaus: O seu trabalho — e teremos com certeza de voltar a este ponto mais tarde — orienta-se em larga medida para o conhecimento das condições que determinam a acção e o comportamento políticos. Considera que tendem a exercer uma influência sobre o grande público, ou pensa que, hoje em dia, esse tipo de influência deixou de ser possível? A menos que o problema da audiência lhe pareça de pouca ou nenhuma importância...

Hannah Arendt: Uma vez mais, é muito complicado. Para ser completamente sincera, diria que enquanto trabalho não me preocupo minimamente nem com a influência nem com a eficácia.

Gaus: Mas quando termina o seu trabalho?

Hannah Arendt: Nessa altura, está feito, acabou-se. O mais importante, para mim, é compreender. A escrita para mim está também ligada a esta necessidade de compreender, faz parte do processo de compreensão... Há certas coisas que são assim formuladas. Se eu tivesse uma memória suficientemente boa para reter realmente todas as coisas que penso, conhecendo a minha preguiça como conheço, duvido muito que escrevesse fosse o que fosse. O que conta para mim é o próprio processo do pensamento, e contento-me bastante bem com ele. Se, depois, consigo exprimir o meu processo de pensamento adequadamente através da escrita, isso deixa-me também satisfeita.

Também me perguntou o que pensava do efeito do meu trabalho sobre os outros. Se me permite ser um tanto irónica, eu diria que se trata de uma pergunta masculina. Os homens querem sempre ser o mais influentes possível, mas eu vejo tudo isso de certo modo do exterior. Imaginar-me-ei a exercer uma influência? Não. O que quero é compreender. E se os outros compreenderem — no mesmo sentido em que eu compreendi —, isso causa-me um sentimento de satisfação, o sentimento de quem está entre os seus próximos.

Gaus: Escreve com facilidade? Formula facilmente as suas ideias?

Hannah Arendt: Às vezes, sim; às vezes, não. Mas, de um modo geral, posso dizer-lhe que nunca escrevo antes de ser capaz de, por assim dizer, ditar a mim própria o que vou escrever.

Gaus: Antes de ter reflectido sobre o que quer dizer?

Hannah Arendt: Sim. Tenho de saber exactamente o que quero escrever. E não escrevo antes disso. Habitualmente, só escrevo uma coisa de cada vez, e por isso as coisas avançam relativamente depressa, depende apenas da velocidade com que bato o teclado.

Gaus: O seu trabalho centra-se actualmente na teoria, na acção e no comportamento políticos. Tendo isso presente, assinalei na sua correspondência com o professor Gershom Scholem

um ponto que me parece especialmente interessante. Você escrevia-lhe — se me permite que a cite — que «na (sua) juventude não (se) interessava nem pela política nem pela história»*. Por outro lado, Hannah Arendt deixou a Alemanha em 1933 por ser judia, quando tinha vinte e seis anos de idade. Haverá uma relação de causa e efeito entre essa circunstância e a sua preocupação com a política e com a história?

Hannah Arendt: É evidente que sim. Em 1933 já não era possível desinteressarmo-nos. Para dizer a verdade, havia já muito tempo que não era possível.

Gaus: Foi esse, então, o seu caso?

Hannah Arendt: Sim, claro que sim. Pus-me a ler com atenção os jornais e formei uma opinião. Todavia, não entrei para nenhum partido, nem senti sequer a necessidade de o fazer. Desde 1931, eu estava intimamente convencida de que os nazis iam tomar o poder e tinha-me explicado firmemente com outras pessoas sobre essa questão. Mas foi só no momento da emigração que passei a ocupar-me de tudo isso de um modo mais sistemático.

Gaus: Gostava de lhe fazer outra pergunta sobre o que acaba de dizer. Tendo embora a convicção desde 1931 de que os nazis iam tomar o poder, não tentou impedi-los de o fazerem por meio de uma intervenção activa, aderindo a um partido, por exemplo. Considerava que isso já não tinha sentido?

Hannah Arendt: Pessoalmente, não considerava que fizesse sentido. Se pensasse o contrário, embora retrospectivamente seja muito difícil dizê-lo, talvez tivesse feito alguma coisa. Mas julgo que não havia esperança.

Gaus: Pode referir um acontecimento determinado que a tenha levado a intervir politicamente?

Hannah Arendt: Podia falar-lhe do dia 27 de Fevereiro de 1933, data do incêndio do Reichstag, e das prisões ilegais que

* Cf. Gershom Scholem e Hannah Arendt, «*Eichmann in Jerusalem: An Exchange of Letters*», *Encounter*, 22, 1964. (Nota do Editor Original)